

O PAÍS DOS OUTROS A POESIA DE RUI KNOPELI

POR
FÁTIMA MONTEIRO



ESCRITORES DOS PAÍSES
DE
LÍNGUA PORTUGUESA

32

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

2003

PREFÁCIO

Este estudo ora publicado corresponde à tese de doutoramento por mim concluída em Harvard no Verão de 1999, sob o título *A Poética Pós-Colonial de Rui Knopfli*, redigida em português, como aqui se apresenta. Decorridos embora sensivelmente quatro anos sobre essa data, optei por não introduzir alterações significativas ao texto original, não só porque me pareceu que a linguagem utilizada é razoavelmente acessível ao leitor potencial deste livro — aquele que se interessa pela indagação do dizer literário, em particular dos autores africanos de língua portuguesa —, como também pelo facto de se ter mantido o *corpus* poético inicialmente analisado.

Esse *corpus* contempla a poesia «quase toda» de Rui Knopfli, tendo ficado de fora a que é publicada no seu último livro, *O Monhé das Cobras*. Deixa-se então em aberto a possibilidade de retorno a Knopfli, porventura em forma de ensaio(s) mais curto(s), tendo-me desde sempre, aliás, lançado o desafio de cedo ou tarde vir a percorrer criticamente as múltiplas contribuições de carácter não poético feitas por Rui Knopfli ao longo dos anos, quer em órgãos da imprensa moçambicana, quer da portuguesa.

A escolha titular deste livro, que devo à fina sensibilidade da equipa editorial que assumiu a sua produção na INCM, contém uma melancolia «naturalmente» knopfliana que não se encontrava presente no título da tese, marcado pelo jargão académico.

Cumprimento-me, no entanto, esclarecer que a perspectiva de leitura que sigo neste trabalho continua a apoiar-se, fundamentalmente, na teoria pós-colonial, cujos pressupostos me pareceram adequar-se sem violência ao autor em questão. A escolha da aplicação do ângulo da abordagem pós-colonial à obra de um escritor de língua portuguesa constituiu na altura, além disso, um acto de algum modo pioneiro, que me permitiu dar cumprimento à exigência de inovação e originalidade crítica na elaboração de uma tese.

Resta-me esperar que a publicação deste estudo, na sequência da publicação, por feliz coincidência, da *Obra Poética* de Rui Knopfli na belíssima edição da INCM em inícios deste ano, possa abonar em favor da leitura ou releitura de um dos grandes poetas de língua portuguesa do nosso tempo.

Lisboa, Agosto de 2003

INTRODUÇÃO

Pelo menos duas tendências críticas foram emergindo ao longo dos anos em relação à poesia de Rui Knopfli, encontrando-se de um lado os que pretendem inscrevê-lo prioritariamente na tradição literária europeia, e do outro os que, sem lhe repudiarem inteiramente a condição de escritor ocidental, procuram no entanto lê-lo antes de mais como membro duma geração fundadora dum discurso literário escrito moçambicano. Há também quem queira inseri-lo num contexto de literatura colonial. A divergência de leituras não nasce com a independência de Moçambique e a tentativa daí decorrente de reconstituição e fixação dum corpus literário nacional, mas remonta ao período de pré-independência de Moçambique. Essa divergência vem-se mantendo até hoje, tendo Knopfli ganho o estatuto de «corpo de delito» em ambas as literaturas, moçambicana e portuguesa.

A corrente europeísta, por um lado, embora pareça reconhecer na poesia de Rui Knopfli a expressão dum moçambicanismo de teor cosmopolita, acaba por subtraí-lo, inadvertidamente ou não, a modelos discursivos enraizados no continente africano, ao enfatizar essa corrente na sua poesia os referentes da tradição ocidental desde as origens mais remotas. No seu prefácio a Memória Consentida (1982), Luís de Sousa Rebelo diz:

Rui Knopfli mostra, desde a primeira hora, uma notável segurança no comando das imagens e das associações que elas evocam, imprimindo-lhes o cunho inconfundível da sua

própria angústia. Tomemos, ao acaso, o poema «Despedida» de *O País dos Outros*. Há aqui o subtil entrosamento de registos poéticos e de polarização metafórica, que condensa a irremediável melancolia de um adeus inútil no tépido apodrecer do tempo. O género é antiquíssimo, é o «Renuntiatio Amoris», e vem de Ovídio a Petrarca e Camões, [...] e lembra o cenário daqueles amantes de uma conhecida ode de Ricardo Reis.¹

Na citação em apreço, se é verdade que de «renúncia amorosa» se trata e que a mesma é proveniente do acervo topológico europeu, não é menos verdade que o topos da renúncia (amorosa ou de outra ordem) pode e deve ser inscrito em Rui Knopfli também, e em especial no contexto da complexa relação que o sujeito poético knopfliano mantém com o espaço físico e afectivo moçambicano. Uma relação que é simultaneamente premonitória da perda desse espaço e de resgate do direito autoral da sua representação. A vertente africanista, por sua vez, admite Knopfli com reservas no «discurso da moçambicanidade», alegando-se no caso tanto a ausência na sua poesia de parâmetros expressivos de Negritude, como a ausência nela, ainda, duma clara agenda nacional-independentista.

Em Voices from an Empire (1975), Russell Hamilton elege Knopfli e Eugénio Lisboa cabecilhas da «corrente esteticista» do debate ocorrido durante a década de 60 em torno da função e carácter da poesia moçambicana. Para Hamilton, embora a dita postura esteticista fosse «reivindicação» dum «lugar legítimo no contexto cultural universal», ela não deixava de reflectir a condição de sujeitos de escrita cuja identidade se moldou nos «padrões de alienação política social e cultural do Moçambique colonial»². A crítica moçambicana Fátima Mendonça, num estudo publicado cerca de dez anos após o de Hamilton, apresenta uma leitura algo confluyente. Como Hamilton, Mendonça deposita no vector ideológico a responsabilidade definidora de identidade literária nacional, dizendo não ser «pela ambiguidade ou pela realidade que projecta que Knopfli deixa de ser um poeta moçambicano, mas [que Knopfli] certamente também

¹ Knopfli, *Memória Consentida*, p. 11.

² *Voices from an Empire*, pp. 11-32.

não é um poeta que se afirma em termos nacionais»³. Referindo-se à década de 60, anos mais tarde, Luís de Sousa Rebelo reconheceria que «[n]a acesa polémica que por essa altura se trava em torno do que era, e 'deveria' ser, a chamada poesia de Moçambique, a crítica manifestava-se perplexa e incapaz de situar a poesia de Rui Knopfli»⁴. Em relação a essa «incapacidade» crítica, Knopfli ora manteve um irónico distanciamento, ora ofereceu, por vezes directa por vezes obliquamente, pistas de leitura:

Sou uma daquelas criaturas que ninguém sabe onde situar. Ninguém sabe ao certo se sou português ou moçambicano, embora acreditem que sou um poeta de língua portuguesa. [...] De maneira que é assim, não sei muito bem de onde é que eu sou. Quer dizer, eu sei lá no fundo... Eu sei que sou de Língua Portuguesa, e os meus mestres são o Camões, o Pessoa, alguns contemporâneos, são as leituras do Herberto, do Alexandre O'Neill, do Sena e, depois, aquilo que a gente vai roubando das outras culturas. Nisso contou muito a minha formação em Moçambique e de estar ali cercado de países de língua inglesa... Ia a Joanesburgo, às livrarias, comprava livros em inglês. A primeira crítica veio através do Eliot, mais tarde o Steiner...⁵

Procurando redireccionar o debate em torno da atribuição de cidadanias literárias no espaço de língua portuguesa, argumentarei neste estudo que a poesia de Rui Knopfli é resultado ético e esteticamente híbrido dum contexto histórico que, sendo colonial ao nível sócio-político, propiciaria a emergência duma discursividade de natureza distintivamente pós-colonial nas duas décadas que antecedem a independência de Moçambique. Será parte do nosso argumento que, entre outros aspectos, Knopfli se qualifica como escritor pós-colonial moçambicano pela prática dum discurso híbrido ao qual subjaz um nacionalismo africano submerso e pela apropriação e revisão, ainda, dos cânones literários europeus, em

³ *Les Littérature Africaines de Langue Portugaise: à la Recherche de l'Identité Individuelle et Nationale*, p. 389.

⁴ Knopfli, *Memória Consentida*, p. 10.

⁵ *Ler*, p. 54.

particular da épica camonianiana, de alguma da poesia da heteronímia pessoana e de Shakespeare.

Rui Knopfli é caso singular na produção poética de Moçambique, sendo um dos únicos escritores de ascendência europeia nascidos nesse país cuja obra — em grande parte publicada em Moçambique antes da independência — é susceptível duma leitura dentro dos parâmetros teóricos do discurso pós-colonial. Em nosso entender, Rui Knopfli deverá ler-se sempre no contexto da complexa relação pós-colonial-luso-moçambicano, contendo a sua poética não só o presságio da queda e retirada imperial, mas também o intento de restituir a África o legado cultural e geográfico, se não espiritual, expropriado pela colonização. Logo, se é redutor procurar conter Knopfli exclusivamente dentro dos parâmetros ora da literatura portuguesa, ora da moçambicana moderna, é totalmente inapropriado procurar explicá-lo à luz dos códigos de «alienação», como quis sugerir Hamilton, dum discurso literário colonial (querendo significar-se colonialista) portugueses.

A polarização crítica em torno de Knopfli vem obviando uma linha de leitura que defende a condição necessariamente híbrida de grande parte dos discursos nascidos do encontro entre colonizador e colonizado, cultura(s) dominante(s) e cultura(s) dominada(s), como defende Helen Tiffin⁶. Essa postura de mútua exclusão terá a sua origem não só na própria natureza polar do pensamento europeu na sua abordagem fenomenológica, mas será ainda resultado das teorias propagadas pelos ideólogos da Negritude, as quais vêm sendo elas próprias desde há algum tempo alvo de leituras que lhes expõem o alicerçamento na epistemologia da modernidade europeia. Segundo Ashcroft, Griffiths e Tiffin:

European imperialism took various forms in different times and places, and proceeded both through conscious planning and contingent occurrences. As a result of this complex development something occurred for which the «plan» of imperial expansion had not bargained: the immensely prestigious and powerful imperial culture found itself appropriated in projects of counter-colonial resistance which drew upon the many indigenous local and hybrid processes of self-determination to defy, erode and some-

⁶ *The Post-Colonial Studies Reader*, p. 95.

times supplant the prodigious power of imperial cultural knowledge. Post-colonial literatures are a result of this intersection between imperial culture and the complex of indigenous cultural practices.⁷

Neste cenário caberá a poesia de Knopfli, «falso corpo de delito» na literatura moçambicana, mau grado a ascendência europeia do poeta e a ineludível, ou mesmo dominante, presença na sua escrita de códigos linguístico-prosódicos herdados à tradição poética ocidental. No entanto, a acusação do «delito» não terá deixado de produzir reflexos na percepção de identidade e modos de auto-representação de Knopfli, o qual, quando pressionado a definir autoralmente o seu lugar em histórias literárias, optou não poucas vezes por evadir uma resposta, escolhendo com frequência a via do compromisso, para não dizer da contradição. Quando entrevistado na Europa, Knopfli enfatizou — não sem alguma displicência — a sua afiliação à tradição que vem de Homero a (em Portugal) Fernando Pessoa, passando por Shakespeare: «Sou um Poeta de extracto europeu»⁸, afirmou-nos em Londres em 1992, dando aparentemente o dito por não dito. À Associação de Escritores de Moçambique colocara a questão nos seguintes termos, em 1989:

A palavra de ordem, uma só: quem são os escritores africanos de língua portuguesa? Os que saíram ou os que ficaram, antes e depois das independências? Os mais clarinhos ou os mais escuros? Noémia de Sousa está ausente de Moçambique o dobro dos anos que somam os do meu afastamento e ninguém questionaria o seu moçambicanismo, por certo muito mais representativo que o meu. Pessoalmente devo confessar que nunca terei escrito um verso, ainda quando o roubo a Camões, ou colho a Shakespeare, em que Moçambique não esteja presente. Se digo Tamisa ou escrevo Avon, penso em Incomati e Limpopo, rios que emolduraram e glorificaram a minha infância, a minha formação, inicial e definitiva [...] ⁹

⁷ *Idem*, p. 1.

⁸ Entrevista pela autora, Londres, Julho de 1992.

⁹ *Colóquio Letras*, n.º 110-111, Julho-Outubro, 1989, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 103.

Neste contexto, representação e auto-representação irão surgir ao longo de toda a sua obra como obsessões naturais no universo poético knopfliano. Esse universo começa a afirmar-se em meados dos anos 1950, altura a partir da qual o autor desenvolve também prolífica actividade jornalística que o manterá à tona de debates e polémicas circunstanciais, tanto em Moçambique como em Portugal, antes e depois do 25 de Abril.

Desde 1959 até à sua morte, em Dezembro de 1997, Rui Knopfli publica oito volumes de poemas: O País dos Outros (1959), Reino Submarino (1962), Máquina de Areia (1964), Mangas Verdes com Sal (1969), A Ilha de Próspero (1972), O Escriba Acocorado (1978), O Corpo de Atena (1984) e O Monhé das Cobras (1997). Ainda, em 1982, reúne em Memória Consentida grande parte da sua poesia até então publicada. No seu último livro, O Monhé das Cobras, claramente um trabalho de epílogo, o autor retorna simbólica e evocativamente ao «país dos outros», um país que nunca deixou afinal de reclamar, mais abertamente após a independência de Moçambique do que antes desta, também país seu. Sobre esse corpus poético incidirá este estudo (exceptuando a última obra), recorrendo-se oportunamente a intervenções críticas do autor, resultado duma colaboração periodística intensa e dispersa ao longo de mais de três décadas.

O estudo subdivide-se em cinco capítulos, integrando o primeiro duas partes. A primeira parte do primeiro capítulo constitui uma introdução à vida e obra do autor, com o intuito de situar a leitura crítica textual no universo geográfico, geracional e vivencial donde emerge. A segunda consiste na apresentação do debate teórico que lhe serve de suporte. No segundo capítulo são debatidos os modos e estratégias de representação e auto-representação do sujeito poético knopfliano, a partir da observação da relação estabelecida entre esse sujeito e o espaço moçambicano. No terceiro capítulo estará em análise o «nacionalismo submerso» do autor, revelado em particular na poesia que vai do início ao «meio do caminho», isto é, de O País dos Outros a Mangas Verdes com Sal. Um nacionalismo a que designamos «submerso» porque se expressa com frequência como ética do anti-império, e raramente como engagement ideológico-nacionalista aberto, nunca descuidando Knopfli o trabalho aturado da linguagem poética em favor duma mensagem política imediatista. O quarto capítulo fará uma leitura do hibridismo enquanto elemento complexificador da representação poética em Knopfli. Neste capítulo, discute-se como o mesmo hibridismo surge do (des)encontro amoroso entre

um sujeito de escrita de ascendência europeia e uma África que é espaço gerador e catalizador do metafórico pós-colonial. No quinto e último capítulo são discutidos os modos de apropriação e revisão de códigos e cânones literários europeus, especificamente, como já referido, Camões, Pessoa e Shakespeare. Neste capítulo é traçada a «rota» seguida pelo sujeito poético knopfliano na «desconstrução» dum império cuja presença se impôs, antes de tudo, pela textualidade da épica camoniana. Analisar-se-á a influência do Pessoa angustiado da modernidade na busca dum novo espaço-território de escrita e mostrar-se-á, finalmente, como, a partir da «apropriação» de Shakespeare, o sujeito poético pós-colonial knopfliano reflecte, em solilóquio, sobre a sua condição trágica de exilado permanente.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11
CAPÍTULO I: Um Sujeito Poético Pós-Colonial	19
O autor e a obra	21
Teoria pós-colonial: representação, nacionalismo, hibridismo, apropriação e revisão dos cânones ocidentais	37
CAPÍTULO II: Representação: Espaço (d)e Identidade em Rui Knopfli	51
CAPÍTULO III: Nacionalismo Submerso: <i>O País dos Outros</i>	79
CAPÍTULO IV: Hibridismo: Língua de Próspero, Discurso de Caliban	105
CAPÍTULO V: Apropriação e Revisão dos Cânones Ocidentais	129
Camões: (des)construir o discurso do Império	134
Pessoa: modernidade e angústia	149
Shakespeare: trágico e exílio	158
<i>Conclusão</i>	169
Bibliografia	171
Index	183